

CAPACIDADE PARA O TRABALHO DE ENFERMEIROS DE
UM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO^aEunice Fabiani HILLESHEIN^b, Luccas Melo de SOUZA^c, Liana LAUTERT^d, Adriana Aparecida PAZ^e,
Vanessa Menezes CATALAN^f, Meira Gonçalves TEIXEIRA^g, Déborah Bulegon MELLO^h

RESUMO

Estudo transversal que avaliou o Índice de Capacidade para o Trabalho (ICT) e os aspectos sociodemográficos e laborais de 93 enfermeiros de um hospital universitário. Os dados foram coletados por questionário e analisados por estatística descritiva e analítica. A amostra foi predominantemente feminina (98,9%), com 41,7 (dp = 9,0) anos de idade, 63,4% têm companheiro, dormem 6,9 (dp = 1,3) horas por dia, 8,6% fumavam e 37,6% realizavam atividade física regular. O escore médio do ICT foi de 40,1 (dp = 3,7), indicando boa capacidade para o trabalho. Houve correlações entre o ICT e idade ($r = -0,22$; $p = 0,0394$); tempo de trabalho ($r = -0,23$; $p = 0,0295$) e horas de sono ($r = 0,26$; $p = 0,0162$). Enfermeiros que vivem sozinhos e os não fumantes apresentaram médias superiores no ICT àqueles com companheiro e que fumam (41,3 e 39,6; 40,4 e 37,8; $p = 0,0476$). Hábitos saudáveis de vida como dormir sete horas ou mais e não fumar associam-se positivamente com a capacidade para o trabalho.

Descritores: Saúde do trabalhador. Enfermagem do trabalho. Satisfação no emprego. Condições de trabalho. Avaliação da capacidade de trabalho.

RESUMEN

Estudio seccional que evaluó el Índice de Capacidad para el Trabajo (ICT) según las características socio demográficas y del empleo de 93 enfermeros de un hospital universitario. Los datos fueron recogidos en un cuestionario y se analizaron mediante la estadística. La muestra era de mujeres (98,9%), con 41,7 años (DE = 9,0), 63,4% tiene pareja, duerme 6,9 horas por día (DE = 1,3), 8,6% hace uso de tabaco y 37,6% realiza actividad física regular. El puntaje promedio fue 40,1 puntos (DE 3,7) en el Índice. Se encontraron correlaciones entre el Índice y la edad ($r = -0,22$, $p = 0,0394$), tiempo de trabajo ($r = -0,23$, $p = 0,0295$) y horas de sueño al día ($r = 0,26$; $p = 0,0162$). Los enfermeros que viven solos y que no usan tabaco presentaron promedios mayores al de aquellos con pareja y que fumaban (41,3 y 39,6; 40,4 y 37,8; $p = 0,0476$). Hábitos de vida saludables como dormir siete horas o más y no fumar se asociaron positivamente con ICT.

Descriptorios: Salud laboral. Enfermería del trabajo. Satisfacción en el trabajo. Condiciones de trabajo. Evaluación de capacidad de trabajo.

Título: Capacidad para el trabajo de enfermeros de un hospital universitario.

ABSTRACT

This is a cross-sectional study that evaluated the work ability index (WAI) and the sociodemographic and work-related aspects of 93 nurses in a university hospital. The data were analyzed using descriptive and analytical statistics. The sample was predominantly female (98.9%), with 41.7 (SD = 9.0) years old, 63.4% have a partner, sleep 6.9 (SD = 1.3) hours daily, 8.6% smoked and 37.6% performed regular physical activity. The WAI score was 40.1 (SD = 3.7), indicating a good work capacity. There were correlations between WAI and age ($r = -0.22$, $p = 0.0394$), duration of work ($r = -0.23$, $p = -0.0295$), and sleep ($r = 0.26$, $p = 0.0162$). Nurses who live alone and non-smokers had higher average than those with a partner and who smoked (41.3 and 39.6; 40.4 and 37.8; $p = 0.0476$). Thus, healthy life habits such as sleeping 7 hours or more and not smoking were positively associated with work capacity.

Descriptors: Occupational health. Occupational health nursing. Job satisfaction. Working conditions. Work capacity evaluation.

Title: Work capacity of nurses in a university hospital.

^a Recorte do projeto de pesquisa "Avaliação dos fatores potencializadores de saúde-adoecimento dos trabalhadores de um hospital universitário".

^b Mestre em Enfermagem, Pesquisadora do Grupo Interdisciplinar de Saúde Ocupacional (GISO) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

^c Mestre em Enfermagem, Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFRGS, Professor Adjunto da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), Campus Gravataí, Rio Grande do Sul, Brasil.

^d Doutora em Psicologia, Professora do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFRGS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

^e Mestre em Enfermagem, Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFRGS, Professora Assistente da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

^f Enfermeira do Grupo Hospitalar Conceição, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFRGS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

^g Acadêmica de Enfermagem da UFRGS, Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UFRGS) pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

^h Acadêmica de Enfermagem da UFRGS, Bolsista PIBIC/UFRGS pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

INTRODUÇÃO

Os estudos referentes à saúde do trabalhador objetivam conhecer, discutir e pensar o binômio trabalho-saúde, pois buscam estabelecer relações e explicações acerca do adoecimento e incapacidade de trabalhadores pelo trabalho⁽¹⁾. As investigações envolvendo os trabalhadores de enfermagem têm recebido destaque nas últimas décadas, em face de sua maior prevalência nos hospitais e por sua situação precária de trabalho, que afeta a saúde deste sujeito e a sua capacidade para o trabalho.

Na perspectiva da saúde do trabalhador, a capacidade para o trabalho decorre da inter-relação do ambiente laboral e do estilo de vida do profissional, sendo influenciada por diversos fatores, incluindo as características sociodemográficas, o estilo de vida e os aspectos intrínsecos da atividade exercida. Sendo assim, esses aspectos necessitam ser conservados em todas as fases da vida ativa do trabalhador, pois com o avanço da tecnologia e o aumento da expectativa de vida, tem se observado a tendência ao envelhecimento da população de trabalhadores⁽²⁾, o que exige a preservação de sua saúde.

O envelhecimento populacional tem transformado a sociedade e implica em uma série de novas demandas, as quais revelam a necessidade de se propor políticas que estimulem campos de trabalho onde a população idosa possa manter-se ativa⁽³⁾, além de preservar a capacidade para o trabalho do jovem de hoje.

Pesquisadores apontam que os fatores que levam à redução da capacidade para o trabalho começam a se acumular na “meia-idade”, sendo observados nos trabalhadores com cerca de 45 anos⁽²⁾. Pesquisa realizada no Brasil com trabalhadores forenses identificou que o envelhecimento funcional está associado às condições laborais e destaca a necessidade de melhorá-las para garantir a permanência desses profissionais no exercício ativo de suas funções e restringir os afastamentos precoces por incapacidade⁽⁴⁾. Alguns estudos têm revelado que a promoção da capacidade para o trabalho reduz a perda precoce da capacidade funcional e, como consequência, retarda a aposentadoria^(5,6).

Na perspectiva da Psicodinâmica do Trabalho, além do ambiente e do estilo de vida, a organização do trabalho e a intersubjetividade produzida a partir dela, surgem como pontos essenciais para o prazer, haja vista que o trabalho assume

papel central na vida do indivíduo, pois é responsável pela construção de uma identidade e lhe permite reconhecimento social⁽⁷⁾.

Face ao exposto, o trabalho assume um papel positivo, quando favorece o reconhecimento na esfera social e satisfação profissional, mas também pode ser gerador de sofrimento psíquico quando o indivíduo é obrigado a submeter-se ao constrangimento por ele imposto. Em última análise, o trabalho conduz o indivíduo para a saúde, à medida que o mesmo sente-se valorizado no seu espaço de trabalho e atua em condições adequadas, ou para a doença, quando as dificuldades geradas pelo processo laboral, em si, e as relações hierárquicas verticais e horizontais tornam-se conflituosas e de difícil manejo.

Desta forma, a organização do trabalho repercute na construção de espaços para a realização do sujeito ou para a instalação do sofrimento, e esses, por conseguinte, preservam ou causam dano a capacidade para o trabalho⁽⁷⁾. Nesse sentido, a organização do trabalho implica na determinação das tarefas que as pessoas desenvolvem, no estabelecimento de rotinas, nas negociações e acordos, além das formas de recrutamento, seleção e capacitação dos trabalhadores, aspectos que podem implicar na atitude que o trabalhador adotará diante de problemas organizacionais. Frente a isso, o que também tem gerado inquietações aos pesquisadores são os recursos utilizados pelos trabalhadores para superar os desafios impostos pelo trabalho e a distância existente entre o “trabalho prescrito” e o “trabalho real”. Um desses recursos seria a negação do trabalho e das dificuldades decorrentes entre o que é de responsabilidade da função e o que o trabalhador precisa fazer, de fato, para atender a demanda imposta⁽⁸⁾.

Logo, o investimento na melhoria e na manutenção da capacidade para o trabalho além de prevenir a perda da capacidade funcional, a aposentadoria precoce e o aparecimento de doenças decorrentes do trabalho, reflete-se na qualidade de vida do trabalhador, mantendo as pessoas economicamente ativas e reduzindo, assim, custos para a sociedade, propiciando, ainda, o envelhecimento ativo deste trabalhador.

Diante da contextualização da saúde do trabalhador e da ponderação sobre a capacidade para o trabalho, este estudo tem por objetivo avaliar o Índice de Capacidade para o Trabalho (ICT) de enfermeiros de um hospital universitário.

MÉTODOS

Este estudo é um recorte do projeto de pesquisa "Avaliação dos fatores potencializadores de saúde-adoecimento dos trabalhadores de um hospital universitário", aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa do mesmo hospital, Rio Grande do Sul (protocolo nº 07-482).

Trata-se de uma investigação transversal de natureza quantitativa realizada com 93 enfermeiros. Os mesmos atenderam aos critérios de ser trabalhador ativo contratado pelo hospital, excluindo os licenciados por férias e outros motivos. Os profissionais foram abordados na avaliação ocupacional periódica no Serviço de Medicina Ocupacional (SMO) ou no próprio ambiente de trabalho.

A coleta de dados foi realizada por meio de questionário auto-aplicado que avaliou aspectos sociodemográficos e laborais, e o Índice de Capacidade para o Trabalho (ICT), que descreve a auto-avaliação do trabalhador sobre a capacidade para o trabalho⁽²⁾.

O ICT é composto por sete itens, descritos no Quadro 1.

	Itens avaliados
1	Capacidade para o trabalho atual comparada com a melhor de toda sua vida
2	Capacidade para o trabalho em comparação com as exigências do trabalho
3	Número total de doenças autopercebidas e diagnosticadas pelo médico
4	Perda estimada no trabalho devido a doença
5	Falta ao trabalho por doença
6	Prognóstico próprio sobre a capacidade para o trabalho
7	Recursos mentais

Quadro 1 – Itens que avaliam o Índice de Capacidade para o Trabalho⁽²⁾.

Esta escala foi traduzida e adaptada para o português por pesquisadores da Universidade de São Paulo em colaboração com outras universidades e instituições brasileiras⁽⁹⁾. A versão em português do ICT possui consistência interna de 0,72 (*Alpha de Cronbach*)⁽¹⁰⁾. Os resultados podem atin-

gir escores de 7 a 49 pontos, sendo de 7 a 27, classificado como o grupo com baixa capacidade para o trabalho, de 28 a 36, como moderada, de 37 a 43 como boa, e de 44 a 49, como ótima. Os resultados podem ser usados de forma coletiva ou individual⁽²⁾.

Os dados foram processados no *software Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS®) 15 e analisados por estatística descritiva e inferencial. O ICT foi avaliado por meio dos testes Mann-Whitney e Kruskal-Wallis para comparações entre grupos. Foram realizadas também análises de correlação entre o ICT e as demais variáveis quantitativas, por meio do Coeficiente de Correlação de Spearman e considerados os valores de $p < 0,05$.

RESULTADOS

A amostra de 93 enfermeiros foi caracterizada como predominantemente feminina (98,9%), com idade média de 41,7 (dp = 9,0) anos (Tabela 1).

Tabela 1 – Características sociodemográficas dos enfermeiros. Porto Alegre, RS, 2010.

Características da amostra (N=93)	Dados
Sexo Feminino	92 (98,9)*
Possui companheiro	59 (63,4)*
Possui filhos	55 (59,1)*
Tabagista	8 (8,6)*
Realiza atividades físicas 3 x semanal	35 (37,6)*
Possui tempo para lazer	87 (93,5)*
Índice de Massa Corporal	26,2 (4,5) [†]
Idade em anos	41,7 (9,0) [†]
Horas de sono diária	6,9 (1,3) [†]

* n (%); [†] média (desvio padrão).

Em relação às características laborais, os enfermeiros trabalham em média há 12 anos (dp = 9,0) na instituição com carga horária média de 36 (dp = 2,0) horas semanais (Tabela 2).

O estudo mostrou que a maioria (60,1%) dos enfermeiros possui escore bom no ICT e nenhum apresentou baixa capacidade para o trabalho (Tabela 3).

Quando se avaliou a correlação entre o ICT e as variáveis sociodemográficas e laborais foram evidenciadas correlações significativas de algumas variáveis (Tabela 4).

Tabela 2 – Características laborais dos enfermeiros. Porto Alegre, RS, 2010.

Características da amostra (N = 93)	Dados
Turno de trabalho	
Manhã	26 (28)*
Tarde	24 (25,8)*
Noite	29 (31,2)*
Recebeu treinamento no último ano	90 (97,8)*
Satisfeito com o local de trabalho	91 (97,8)*
O número de pessoas na escala é suficiente	72 (77,4)*
Satisfeito com a higienização	66 (73,3)*
Satisfeito com a remuneração	61,9 (19,5)†
Escore do Índice de Capacidade para o Trabalho	40,1 (3,7)†

* n (%); † média (desvio padrão).

Tabela 3 – Escores do Índice de Capacidade para o Trabalho (ICT) dos Enfermeiros. Porto Alegre, RS, 2010.

ICT	n	%
Moderada	14	15,1
Boa	56	60,1
Ótimo	18	19,4
Ignorado	5	5,4
Total	93	100,0

Tabela 4 – Análise de Correlação entre variáveis sociodemográficas e laborais dos enfermeiros com o Índice de Capacidade para o Trabalho (ICT). Porto Alegre, RS, 2010.

Características	ICT	
	CC*	p-valor
Tempo de trabalho em ano na instituição	-0,22	0,0394
Idade em anos	-0,23	0,0295
Horas de sono	0,26	0,0162
Carga horária	-0,06	0,5861
Satisfação com a remuneração	0,12	0,2690
Índice de Massa Corporal	-0,10	0,3594

* Coeficiente de Correlação de Spearman.

Foi realizada a análise do ICT entre grupos de variáveis sociodemográficas e laborais. Neste processo, verificou-se que enfermeiros que vivem com companheiro apresentaram ICT médio inferior àqueles que responderam viver sozinhos ($p = 0,0495$), sendo 39,6 e 41,3, respectivamente. Evi-

denciou-se, também, que o ICT médio de pessoas fumantes foi de 37,8, enquanto que entre os não fumantes 40,4, ($p = 0,0476$). Apesar da diferença estatística entre os grupos, os mesmos ficaram classificados com Bom ICT, ou seja, com escores entre 37 e 43 pontos.

Considerando a prática regular de atividade física, ou seja, três vezes por semana ou mais, destaca-se que o grupo que a realiza apresentou ICT médio de 40,8, não diferindo significativamente daquele que não as realizam ($p = 0,0862$). Também não se verificou diferença estatisticamente significativa entre o grupo que possui tempo para atividades de lazer, que obteve ICT médio de 40,2, em relação ao grupo que não têm tempo para lazer ($p = 0,2876$).

Em relação ao ambiente laboral, foi verificado no grupo insatisfeito com o local de trabalho um ICT médio de 41,5, também não diferindo significativamente do grupo de satisfeitos ($p = 0,5934$). O mesmo ocorrendo na comparação entre satisfeitos e não satisfeitos com a higienização do local de trabalho ($p = 0,1644$).

Outras variáveis que não apresentaram diferenças significativas entre grupos quanto ao ICT médio foram a avaliação da suficiência de pessoal na escala de trabalho ($p = 0,9295$) e a realização de treinamento no último ano ($p = 0,8758$).

DISCUSSÃO

Os resultados mostram que algumas variáveis sociodemográficas e laborais são relevantes para avaliar a capacidade para o trabalho dos enfermeiros do hospital universitário. O fato de a enfermagem ser predominantemente feminina corrobora aspectos históricos e culturais da profissão. Tais resultados assemelham-se a de outros estudos com trabalhadores de hospitais, quanto à idade e ao predomínio da população feminina^(11,12). Em relação ao sexo, a literatura revela que as mulheres têm maior risco para perda da capacidade para o trabalho, sob influência das piores condições de trabalho e salariais em comparação aos homens⁽¹³⁾.

Com relação à idade, uma investigação com profissionais de enfermagem encontrou idade média de 43 anos ($dp = 9,0$) e tendência para redução da capacidade para o trabalho com o envelhecimento⁽¹¹⁾. Outros autores salientam que a idade repercute na capacidade para o trabalho do indivíduo, principalmente a partir dos 45 anos de idade, pois

os fatores que levam a diminuição da capacidade para o trabalho (hábitos de saúde, estressores ambientais, maior prevalência de doenças) começam a se acumular nesse período^(2,13).

No presente estudo, nenhum enfermeiro apresentou baixa capacidade para o trabalho, ainda que a idade média tenha sido de 41,7 (dp = 9,0), e 79,5% dos enfermeiros alcançaram escores de boa e/ou ótima capacidade para o trabalho. Ao avaliar a capacidade para o trabalho de profissionais de enfermagem, estudo identificou que o percentual dos trabalhadores com boa capacidade para o trabalho foi 83,2% entre técnicos, auxiliares e enfermeiros⁽¹¹⁾. Resultado semelhante foi encontrado em estudo conduzido com trabalhadores de enfermagem de um pronto-socorro de um hospital universitário, cujo escore médio do ICT foi 42⁽¹⁴⁾. O fato de haver altos percentuais de trabalhadores com boa e ótima capacidade funcional não exclui os esforços no sentido de promover e manter a capacidade para o trabalho, pois estes trabalhadores alcançarão idade para aposentadoria aos 60 anos, restando-lhes, portanto 18,3 anos para se manterem ativos.

Na análise da idade e ICT, houve correlação negativa e fraca $r = -0,22$ ($p = 0,0394$), ou seja, quanto mais jovem o enfermeiro melhores escores no ICT. Este achado reforça a necessidade de se atentar à capacidade laboral e as condições de trabalho para manter este enfermeiro saudável ao longo dos anos que permanecerá no mercado de trabalho e prevenir o envelhecimento precoce e a incapacidade.

Neste estudo foi identificada uma sensível redução da capacidade para o trabalho dos indivíduos casados ou com companheiro, quando comparados com os que vivem sozinhos ($p = 0,0495$). É importante salientar que estão ocorrendo mudanças estruturais na sociedade, à medida que as pessoas estão vivendo cada vez mais sozinhas – as chamadas “famílias uni pessoas”⁽¹⁵⁾. Embora o apoio familiar mostre-se importante para preservação de aspectos psicológicos do sujeito, o fato de o enfermeiro viver com companheiro e possuir filhos influenciou negativamente a capacidade para o trabalho. Isso pode ser atribuído as demandas do ambiente doméstico (que podem ocasionar dupla ou até tripla jornada de trabalho), fazendo com que as enfermeiras exerçam papéis adicionais aos da sua profissão, como ser mãe e esposa. Isso pode provocar dispêndio de energia e de tempo, que

poderiam ser convertidos para benefício próprio, como atividades de lazer, físicas ou sociais que promovam a sua capacidade para o trabalho e saúde.

Verificou-se que alguns hábitos de vida saudáveis estão associados significativamente com maior escore na capacidade para o trabalho. Dormir mais se relacionou com melhor capacidade para o trabalho, verificado na correlação positiva entre horas de sono e ICT. A média de horas de sono dos enfermeiros entrevistados foi de 6,9 horas, o que era de se esperar, em vista do trabalho noturno em plantões. Em relação ao uso do cigarro, o grupo que não fumava obteve escores superiores no ICT, reforçando que o fumo pode acelerar a perda da capacidade para o trabalho⁽¹⁶⁾.

Apesar de outras investigações demonstrarem associação positiva entre a prática de atividade física com a capacidade para o trabalho^(9,11), os profissionais que realizavam atividade física regular (37,6%) não alcançaram média estatisticamente diferente dos sedentários; da mesma forma que a média do grupo que possuía Índice de Massa Corporal (IMC) compatível com sobrepeso ou obesidade, a qual não foi superior a do grupo com IMC normal.

Tratando-se do tempo de trabalho na instituição, evidenciou-se correlação negativa e fraca $r = -0,23$ ($p = 0,0295$). Alguns estudos têm observado a influência do tempo de trabalho em relação ao ICT e consideram que pessoas que trabalham há mais tempo possuem maior risco de apresentar ICT baixo e moderado⁽⁴⁾. No entanto, esse resultado precisa ser observado com cautela, pois também pode sofrer influência da variável idade.

Verificou-se que os enfermeiros receberam treinamento no último ano (97,8%), estão satisfeitos com o número de pessoas na escala (77,4%) e com a higienização do local de trabalho (73,3%). Apesar de acreditar-se que ambientes de trabalho limpos e agradáveis deixam trabalhadores mais satisfeitos e podem repercutir na capacidade para o trabalho, estes elementos não interferiram nos escores do ICT, da mesma forma que a pesquisa desenvolvida com enfermeiros de um Grupo Hospitalar de Porto Alegre⁽¹⁷⁾.

O estudo ainda avaliou a satisfação com a remuneração evidenciando a média de satisfação dos enfermeiros de 61,9 (dp = 19,5) em uma escala de 0 a 100, a qual não teve correlação significativa com o ICT. Como esta escala avalia majorita-

riamente a saúde física e mental do trabalhador, este achado era esperado.

Pesquisas realizadas com enfermeiros que atuam em hospitais revelaram que este profissional destaca-se pela multiplicidade de atividades que realiza e a capacidade de articulação entre os diferentes setores e profissionais da equipe de saúde, cabendo a ele o trabalho intelectual e de coordenação das atividades da equipe de enfermagem^(17,18). Frente a isso, se sobrepõe a importância em se preservar a capacidade plena deste agente, cuja atuação determina o êxito na prestação da assistência ao paciente e no desempenho do hospital.

Salienta-se a necessidade das instituições investirem em melhorias das condições de trabalho, assegurando que os profissionais se mantenham ativos e com capacidade funcional preservada, evitando-se, com isso, afastamentos precoces e perdas funcionais⁽⁴⁾.

O fato de a capacidade para o trabalho dos sujeitos ter sido considerada boa ou ótima não exclui a necessidade da promoção, manutenção e melhoria dessa capacidade, pois os dados apontam que a capacidade de trabalho piora com o tempo de trabalho e o avanço da idade. Ainda considerando que atualmente as pessoas permanecem mais tempo no mercado de trabalho, torna-se essencial que sejam elaboradas estratégias de atenção à saúde dos enfermeiros, no sentido de preservar a capacidade para o trabalho, visando um envelhecimento ativo desses profissionais.

Por conseguinte, os trabalhadores necessitam dispor de mecanismos para desenvolver habilidades que melhorem a capacidade para o trabalho, seja no âmbito profissional ou pessoal. São ações que propiciem espaços de discussões em relação à organização do trabalho e a melhora no ambiente laboral. Dentre as estratégias, destacam-se: participação ativa nas discussões no ambiente de trabalho; treinamentos; autonomia, comunicação eficiente, tempo para tomada de decisão efetiva, pausas durante as jornadas de trabalho; diversificação das atividades de trabalho; organização na unidade de trabalho; e dimensionamento de pessoal suficiente, de acordo com a necessidade da unidade de trabalho. Já na esfera particular, o estilo de vida com incentivo à prática de exercícios físicos, sono regular, atividades sociais, lazer com a família, alimentação equilibrada, são ações que poderão promover melhora importante na capacidade para o trabalho destes enfermeiros.

CONCLUSÕES

Dentre as limitações deste estudo, salienta-se o número elevado de trabalhadores do turno da noite (31,2%), que não reflete a realidade do contexto do hospital, pois a proporção de enfermeiros do noturno é 24,2% do quadro de pessoal; portanto é preciso interpretação cautelosa dos dados. Ainda, destaca-se que por ser um estudo transversal, não foram incluídos trabalhadores em afastamento devido a doenças ou acidentes, o que pode influenciar os resultados pelo viés do efeito do trabalhador sadio.

Verificou-se que a amostra de enfermeiros foi predominantemente feminina, com média de idade de 41,7 anos, apresentou satisfação com o local de trabalho, com o quadro funcional e com a remuneração.

Ao avaliar o ICT, verificou-se que este está adequado, uma vez que 60,1% dos enfermeiros alcançaram escores classificados entre 37 a 43 pontos. No entanto, o tempo de trabalho e a idade tiveram relação inversa com os ICT, indicando a necessidade de se adotar medidas que minimizem o efeito destas variáveis na capacidade para o trabalho. Neste sentido, sugerem-se algumas medidas, tais como: maior aproximação do serviço de saúde ocupacional com os trabalhadores, com foco na promoção da saúde e não no tratamento do dano; criação de locais/momentos no ambiente de trabalho que busquem a satisfação pelo trabalho (atividades lúdicas entre a equipe, ginástica laboral, momentos de discussão sobre a organização do trabalho) e o incentivo de hábitos de saúde (dormir sete horas ao dia, não fumar, praticar exercícios físicos, controlar a dieta)⁽²⁾, algumas das quais influenciaram os dados desse estudo.

Considerando que algumas características individuais e laborais não apresentaram correlação com o ICT, tais como a carga horária semanal, a satisfação com remuneração, o local de trabalho, a realização de atividade física regular e o índice de massa corporal, se sugere a adoção de delineamentos longitudinais de pesquisa para futuras análises estas variáveis.

REFERÊNCIAS

- 1 Trindade LL, Gonzales RMB, Beck CLC, Lautert L. Cargas de trabalho entre os agentes comunitários de saúde. Rev Gaúcha Enferm. 2007;28(4):473-9.

- 2 Tuomi K, Ilmarinen J, Jahkola A, Katajarinne L, Tulkki A. Índice de capacidade para o trabalho. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos; 2005.
- 3 Giatti L, Barreto SM. Saúde, trabalho e envelhecimento no Brasil. Cad Saúde Pública. 2003;19(3):759-71.
- 4 Bellusci SM, Fischer FM. Envelhecimento funcional e condições de trabalho em servidores forenses. Rev Saúde Pública. 1999;33(6):602-9.
- 5 Nurminen E, Malmivaara A, Ilmarinen J, Ylöstalo P, Mutanen P, Ahonen G, et al. Effectiveness of a work-site exercise program with respect to perceived work ability and sick leaves among women with physical work. Scand J Work Environ Health. 2002;28(2):85-93.
- 6 Tuomi K, Huuhtanen P, Nykyri E, Ilmarinen J. Promotion of work ability, the quality of work and retirement. Occup Med. 2001;51(5):318-24.
- 7 Lancman S, Sznalwar LI. Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2004.
- 8 Dejours C, Abdoucheli E, Jayet C. Psicodinâmica do trabalho: contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas; 1994.
- 9 Tuomi K, Ilmarinen J, Jahkola A, Katajarinne L, Tulkki A. Índice de capacidade para o trabalho. Helsinki: Instituto de Saúde Ocupacional; 1997.
- 10 Martinez CM, Latorre MRDO, Fischer FM. Validity and reliability of the Brazilian version of the Work Ability Index questionnaire. Rev Saúde Pública. 2009;43(3):525-32.
- 11 Raffone A, Hennington EA. Avaliação da capacidade funcional dos trabalhadores de enfermagem. Rev Saúde Pública. 2005;39(4):669-76.
- 12 Andrade C, Monteiro MI. Envelhecimento e capacidade para o trabalho dos trabalhadores de higiene e limpeza hospitalar. Rev Esc Enferm USP. 2007;41(2):237-44.
- 13 Martinez MC, Latorre MRDO, Fischer FM. Capacidade para o trabalho: revisão de literatura. Ciênc Saúde Colet. 2010;15(Supl 1):1553-61.
- 14 Duran ECM, Cocco MIM. Capacidade para o trabalho entre trabalhadores de enfermagem do pronto-socorro de um hospital universitário. Rev Latino-Am Enfermagem. 2004;12(1):43-9.
- 15 Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (BR). Síntese de indicadores sociais: análise das condições de vida da população brasileira: estudos e pesquisas, informações demográficas e sócio-econômicas. Rio de Janeiro; 2007.
- 16 Fischer FM, Borges NS, Rotenberg L, Latorre MRDO, Soares NS, Rosa PLFS, et al. A (in)capacidade para o trabalho em trabalhadores de enfermagem. Rev Bras Med Trab. 2005;3(2):97-103.
- 17 Negeliskii C. O estresse laboral e a capacidade para o trabalho de enfermeiros no Grupo Hospitalar Conceição [dissertação]. Porto Alegre: Escola de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2010.
- 18 Rodrigues FCP, Lima MADS. A multiplicidade de atividades realizadas pelo enfermeiro em unidades de internação. Rev Gaúcha Enferm. 2004;25(3):314-22.

**Endereço da autora / Dirección del autor /
Author's address:**

Liana Lautert
Rua São Manoel, 963, Rio Branco
90620-110, Porto Alegre, RS
E-mail: lila@enf.ufrgs.br

Recebido em: 14/02/2011
Aprovado em: 22/07/2011